

O SILÊNCIO SOBRE A CIRCUNCISÃO: O CORPO DOS JUDEUS NA ARTE RENASCENTISTA

Inácio Schiller Bittencourt Rebetez

Se a igreja católica celebrou a circuncisão de Jesus como o início da salvação da humanidade, os artistas do Renascimento nunca evidenciaram os efeitos desse acontecimento. Da mesma forma, outras personagens judaicas do Antigo e do Novo Testamento, como Isaac, David e João Batista, foram sempre representados na Renascença com prepúcio, de maneira contrária, portanto, à própria narrativa bíblica.

As origens da postectomia são discutíveis, mas o que interessa aqui é a circuncisão como prática religiosa judaica. Esse mandamento aparece já no primeiro livro da Torá, o Gênesis, no momento em que Deus oficializa sua aliança com o patriarca Abraão. A aliança consiste na seguinte lei: “Será circuncidado em vós todo varão. E circuncidareis a carne de vosso prepúcio, e será por sinal de aliança entre Mim e vós. E com idade de oito dias será circuncidado, entre vós, todo varão (...)” (Gn 17: 10 – 11). A aliança com a divindade ocorre no corpo do israelita, sendo tão importante que equivaleria à observância de todas as leis da Torá. A pena imposta ao transgressor denomina-se *Caret*, isso é, a expulsão da comunidade: “E o varão incircunciso, que não circuncidar a carne de seu prepúcio, essa alma será cortada de seu povo; Minha aliança quebrou” (Gn 17: 14).

Dos quatro evangelistas, Lucas (2: 21) é o único que menciona a circuncisão de Jesus, que ocorreu no seu oitavo dia de vida, como era ordenado. No início do cristianismo, houve grandes discussões sobre quais das leis judaicas deveriam ser observadas pela nova religião. O apóstolo Pedro não apenas pretendia manter os costumes antigos como exigia a circuncisão dos pagãos que queriam se tornar cristãos, enquanto que o apóstolo Paulo defendia que os pagãos que quisessem aceitar o Cristo precisavam unicamente do batismo e da circuncisão do coração, isso é, uma circuncisão simbólico – espiritual. O debate foi vencido por Paulo, e de toda a Lei de Moisés o cristianismo manteve apenas as proibições sexuais e a interdição de se comer alimentos destinados aos deuses pagãos.

Ainda que Paulo tenha insistido inúmeras vezes em suas epístolas que os cristãos abandonassem a prática, desde ao menos a metade do século VI a igreja católica havia instituído a “Festa da Circuncisão”. Realizada em primeiro de janeiro, isso é, oito dias após o Natal, ela celebrava o início da Salvação, uma vez que fora a primeira ocasião em que o Messias havia oferecido seu sangue à humanidade. A submissão de Jesus ao pacto de Abraão ainda bebê deveria ser entendida como um presente voluntário de seu sangue, prefigurando e iniciando o sacrifício da Paixão. E o fato da circuncisão no judaísmo ser feita no oitavo dia relacionaria a postectomia de Jesus com sua Ressurreição, uma vez que o Cristo ressuscitou no domingo, um

após o Shabat (sétimo dia). Segundo Steinberg, com a circuncisão do Salvador a “Encarnação é verificada, a Paixão iniciada e a Ressurreição pressagiada”. Essas ideias foram exploradas por muitos teólogos e exposta aos fieis na forma de sermões.

No Renascimento, portanto, essas reflexões já haviam sido exploradas por alguns séculos. Fra Angelico foi o primeiro artista do período a representar a cena, em um painel feito por volta de 1451 – 52 e que se encontra hoje no Museo di San Marco. O sacerdote aproxima duas pedras (ou dois objetos metálicos) do pênis da criança, enquanto Maria e José o seguram. O Menino olha para cima e ergue os braços aos céus, como se tivesse consciência de que esse sacrifício fosse parte de um plano divino. No Quattrocento, o episódio também foi tratado por Mantegna, no tríptico dos Uffizi, e por Signorelli, em um painel da National Gallery de Londres.

É de se estranhar, portanto, que Jesus tenha prepúcio em nas obras renascentistas, seja na Itália, seja na Europa setentrional. Aqui não são necessários exemplos uma vez que *todas* essas obras seguem esse padrão. Seria difícil argumentar que a totalidade dessas representações tinham como objetivo mostrar o Cristo antes de seu oitavo dia de vida. Poder-se-ia argumentar que nem todos os artistas dessa época possuíam uma preocupação em mostrar o corpo humano de maneira realista, seja por influência do neoplatonismo ou por outras questões. Mas mesmo Caravaggio representou Jesus criança com prepúcio na *Madonna dei palafrenieri* (Galleria Borghese), o que revela que mesmo no Seicento houve essa recusa em mostra-lo como um judeu.

O fato de outras personagens hebraicas terem sido representadas como jovens ou adultos incircuncisos reforça a hipótese de que os renascentistas optaram por não mostrar essa marca fundamental. O mais evidente e famoso exemplo é o *Davi* de Michelangelo. Mas Donatello e os seguidores de Mantegna também mostraram o mais importante rei judeu como um adulto com prepúcio na escultura do Bargello e em um pequeno quadro do Kunsthistorisches Museum de Viena, respectivamente. Neste museu há ainda um painel feito pelo próprio Mantegna do *Sacrifício de Isaac* em que o adolescente também aparece incircunciso, mesmo que antes desse episódio fundamental da narrativa bíblica a Torá tenha dito que Abraão circuncidou seu filho predileto quando este completou oito dias de vida (Gn 21: 4). O mesmo se observa em todas as obras que mostram João Batista nu, ainda que o Novo Testamento também relate a remoção de seu prepúcio (Lc 1: 59).

É difícil acreditar, como alguns supuseram, que esses artistas não possuíssem a habilidade técnica de representar o genital masculino sem o prepúcio. A resposta a essa questão deve ser encontrada nos modelos clássicos que serviram de inspiração para a representação da nudez no Renascimento e no horror dos antigos gregos e romanos à postectomia, sentimento que foi herdado pelos italianos modernos. Além disso, esses artistas não estavam preocupados em narrar os eventos de maneira cronológica. No tondo de

Piero di Cosimo no Toledo Museum of Art de Ohio, por exemplo, a Virgem adora o Menino enquanto lê a epístola de Paulo aos hebreus. Do ponto de vista histórico, isso seria impossível, uma vez que o apóstolo escreveu essa carta quando adulto e ainda seria uma criança na pintura de Piero, tendo nascido poucos anos depois de Jesus. Nessas pinturas, é como se as ideias no Novo Testamento penetrassem nas épocas anteriores a ele. Sabe-se que na Renascença os mitos e narrativas pagãos foram cristianizados; o mesmo pode ser dito sobre o corpo judaico. Este foi representado no Renascimento não em concordância com a história e a realidade física dos hebreus que habitavam o continente europeu naquele momento, mas de acordo com os valores dos cristãos que estavam produzindo aquela arte.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

STEINBERG, Leo. *The sexuality of Christ in the Renaissance and in modern oblivion*. Chicago e Londres: Chicago University Press, 1996.

TORÁ – A LEI DE MOISÉS. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.